

4 Cabeça celebra
seus 20 anos no
Solar Botafogo

PÁGINA 3



Cinema francês
comemora um
2024 de records

PÁGINA 7



Queerioca abriga
obras de residências
artísticas da bab

PÁGINA 8



2º CADERNO



*Márcio Greyck
hoje e nos anos
1970, no auge
do sucesso.
Depois de um
período de
auto reclusão, o
artista mineiro
lança álbum
de inéditas e
livro com as
memórias de
sua infância
até chegar ao
Rio e ver sua
carreira decolar*



Divulgação

Márcio Greyck RENOVA SONHOS e volta à ativa

Ídolo romântico
dos anos
1970, cantor
e compositor
rompe o silêncio
com disco
novo e livro de
memórias

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quantos anos já vividos, revividos simplesmente por viver, alimentam as páginas de “O Menino Que Eu Fui” (editora 7 Autores), relato autobiográfico de um dos maiores galãs do cancionero romântico do Brasil dos anos 1970 e 80, o mineiro Márcio Greyck. Ele tem um hit novo no ar, embalando tímpanos no Youtube: “Eu Ainda Sou Um Sonhador”. A faixa e o livro formam uma simbiose. Juntos, promovem uma evasão para um tempo em que o cantor de hinos do benquerer como “Infinito”, “Aparências” (que passou cinco anos no topo da parada de rádios AM, a partir de 1981) e “O Mais



Importante É O Verdadeiro Amor” era guri, da infância em BH à adolescência.

Compositor de pelo menos umas 150 canções de rasgar o peito da gente, o bardo, cujo nome no RG é Márcio Pereira Leite, lançou faz pouco um disco com 13 pérolas inéditas: “Envolver”. Vai cantar algumas delas e muitas das gemas de seu baú de joias num show agendado para janeiro, em Fortaleza. Tem outro show para fazer em Ipatinga, ainda no primeiro trimestre de um 2025 que começa promissor para sua rotina de trabalho.

Visto no cinema em “Cine Holliúdy” (2013), Greyck começou a trabalhar com música aos 15 anos, tocando serenatas. Em 1967, pela Polydor, gravou seu primeiro compacto, com “Minha Menina” (uma versão em português do sucesso dos Beatles “Eleanor Rigby”) e sua primeira composição, “Venha Sorrindo”. Lançou mais três LPs, que venderam entre 40 mil e 50 mil cópias cada, e chegou a ter um programa de TV, “O mundo é dos jovens”, na Tupi. Em 1970, assim que firmou contrato com a CBS, viu seu primeiro LP na gravadora vender 500 mil exemplares em menos de seis meses, ao som de “Impossível acreditar que perdi você”.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

ENTREVISTA / MÁRCIO GREYCK, CANTOR E COMPOSITOR

‘Hoje, fazer sucesso é questão de empreendedorismo’

Divulgação

Camila Pitanga é a convidada do mês do projeto

Camila Pitanga troca ideias sobre seus livros preferidos

Idealizado pelo cineasta Márcio Debelian, o projeto Parque de Ideias recebe nesta quinta-feira (12), às 18h. Convidada para participar da atração “Ilustre Leitor”, a atriz vai compartilhar, na Biblioteca Estadual Parque, sua relação com a literatura e destacará livros que marcaram sua trajetória artística e pessoal, como “Defeito de

Cor”, de Ana Maria Gonçalves, e “Laços de Família”, de Clarice Lispector.

Nos últimos meses, o projeto recebeu artistas como Adriana Calcanhotto, Gilberto Gil, Lenine, Zélia Duncan, Elisa Lucinda, Gregório Duvivier, Conceição Evaristo e ofereceu mais de 500 horas de aula em cursos e oficinas, criando um público cativo.

Polacas

Com direção de João Jardim estreia nesta quinta (12) o longa “As Polacas”, a história real de mulheres judias polonesas que chegaram ao Brasil com promessas de uma vida longe da guerra e acabaram vítimas de tráfico humano e exploração sexual.

Jaca na mesa

A segunda edição do programa Xodó de Cozinha tem a presença de Bela Gil neste sábado (14), às 13h, na TV Brasil. A chef Regina Tchelly recebe a convidada para preparar três receitas com jaca. O conteúdo fica disponível no app TV Brasil Play.

Polacas II

O filme conta a saga da polonesa Rebeca (Valentina Herszage) que, fugindo da perseguição aos judeus e dos horrores da guerra, chega ao Brasil para reencontrar o marido e iniciar nova vida. Mas a realidade que encontra é completamente diferente.

Jaca na mesa II

A produção destaca o emprego da jaca, fruta que tem propriedades medicinais e pode ser consumida até o caroço. Durante o papo sobre vegetarianismo para além da nutrição, as duas conversam sobre agroecologia e seus benefícios.

Aquele Márcio Greyck de ontem, que compunha com o irmão, Corbel, segue no Greyck de hoje, ainda repleto de poesia, como ele explica no papo a seguir com o Correio da Manhã:

Que espaço existe para as canções de amor que fizeram sua fama?

Márcio Greyck: Eu completei 57 há 20 anos, portanto, sou de uma época em que se cultivava o romantismo, quando se fazia serenata. “Aparências” chegou a ser gravada pelo (arranjador) Ray Conniff, que era como os Beatles dos bailes. Atualmente, entretanto, o romantismo é execrado pela mídia em prol de músicas que estouram hoje e são esquecidas amanhã. Não existem mais melodias que o povo saia assobiando mesmo sem saber a letra, como se fazia no passado. Hoje mudou o paradigma. Antes, você gravava uma música e ia visitar emissoras, as rádios, para se promover. Hoje, fazer sucesso é questão de empreendedorismo.

Você ainda compõe?

Não com o entusiasmo que tinha aos 25 anos, aos 30, mas, sim, continuo fazendo as coisas no meu limite. O disco “Envolver”, meu trabalho mais recente, traz 13 faixas inéditas e eu gravei tudo sozinho. Toco tudo. Tem também “Eu Ainda Sou Um Sonhador”, que fiz para o livro, como trilha sonora da leitura.

Como tem sido a sua rotina de shows?



Divulgação

Eu me afastei por um tempo. Comprei uma casa em Belo Horizonte, onde vivo cercado de árvores e frutas, com um pequeno estúdio doméstico que é a minha Disneylândia, onde eu toco todos os instrumentos. Eu me isolei ali para me reestabelecer. Fui viver só, mas agora estou retornando. O livro me permitiu travar novos contatos e 2025 me promete uma série de turnês.

Que passagens de sua vida estão nas páginas de “O Menino Que Eu Fui”?

São minhas peripécias e minhas peraltices, de garoto até os 18 anos, quando fui para o Rio. Ao chegar, a história acaba, mas já estou escrevendo um outro, falando de outros momentos.

Quem é o Márcio Greyck que se reestabeleceu nesse período de isolamento?

Guimarães Rosa escreveu que Minas são muitas. Márcio Greyck também são muitos e eu gravei versões dele.

Qual foi o momento mais emocionante de sua carreira?

Um dia eu gravei um K-7 com uma canção que compus, “Vivendo Por Viver”, e dei para (o maestro) Eduardo Lages para ver se ele fazia aquela fita chegar ao Roberto Carlos. Eu não sabia como chegar até ele. Um dia, Lages me disse: “Tenho uma boa notícia: o Roberto vai gravar”. O sonho de todo compositor era ser gravado pelo Roberto.

Reprodução Instagram Matheus VK

Ernani Pinho/Divulgação



O 4 Cabeça em sua formação atual com Baia, Matheus VK, Luis Carlinhos e Gabriel Moura



Paula Esteves e Nana Kozak

Nana Kozak e Paula Esteves cantam o Zé Pelintra

Nesta sexta-feira (13), dia de muita superstição, as cantoras e compositoras Nana Kozak e Paula Esteves lançam o single “Fé no Nego Zé Pelintra” em todas as plataformas digitais.

A faixa, como diz o título, é uma ode ao mestre Zé Pelintra, figura emblemática da cultura popular brasileira, e presta homenagem ao santuário da entidade na Lapa, um espaço que celebra a malandragem como uma manifestação cultural e espiritual.

Nascida das mãos de duas mulheres sambistas, a canção carrega a energia vibrante do samba com versos que exaltam a força e a fé em Zé Pelintra, visto como um símbolo de proteção, resiliência e brasilidade.

Com um refrão poderoso e melodias que evocam a espiritualidade das rodas de samba e a tradição do juremeiro, “Fé no nego Zé Pelintra” promete conquistar corações e inspirar passos de dança. “No santuário hoje eu vim agradecer / Malandro Zé Pelintra vai chegar, eu quero ver. / Ele é Juremeiro. / Ele é Mestre Juremeiro. / Eu tenho Fé no Nego. / Ele é vida, é meu parceiro. / Eu tenho Fé no Nego. / Ele é o Povo Brasileiro”, diz um trecho da canção criada por Nana e Paula.

Cabeças que pensam

4 Cabeça celebra 20 anos de estrada com apresentação única nesta quinta no Solar Botafogo

Por Affonso Nunes

Essa história começa há 20 anos quando o Teatro Ipanema recebeu um encontro de compositores parceiros desde a década de 1990, eram eles: Baia, Gabriel Moura, Luís Carlinhos e Rogê. A desprestigiada apresentação, batizada de 4 Cabeça, ganhou o público e a mídia, assim como a gravação do ensaio se espalhou em cópias pelo mundo. Entre 2004 e 2010, o espetáculo rodou inúmeras casas de show e

idades pelo Brasil, dentre elas Canecão, o Vivo Rio e Circo Voador. O álbum homônimo, de 2010, recebeu o Prêmio da Música Brasileira na categoria de Melhor Grupo MPB.

Agora o grupo se reúne para celebrar duas décadas de história com o lançamento da faixa inédita “Um e Um Milhão”, de Matheus VK (que substituiu Rogê em 2014) em grande encontro nesta quinta-feira (12) no Solar de Botafogo, a partir das 21h30.

O 4 Cabeça surgiu com o objetivo de criar um projeto musi-

cal que valorizasse a composição e a interpretação, mesclando elementos da MPB com influências de outros gêneros. Seus integrantes são compositores talentosos e criativos, que exploram diferentes sonoridades e ritmos.

Além do repertório eclético e criativo, com canções que abordam temas do cotidiano, relacionamentos e reflexões sobre a vida, a harmonia vocal do grupo é um dos seus principais destaques: as vozes dos quatro cantores e compositores se completam. E essa integração se dá ainda melhor nas contagiantes apresentações do grupo.

Além do trabalho em conjunto, os integrantes do grupo também desenvolvem carreiras solo, compondo para outros ar-

tistas e participando de diversos projetos musicais. Baia é hoje um artista consagrado e com público fiel nas vezes em que se apresenta no Brasil - hoje vive em Miami (EUA). Já Gabriel Moura, além de desenvolver projetos de black music, é o autor de vários sucessos gravados por artistas como São Jorge (“Mina do Condomínio”), Fernanda Abreu (“Outro Sim”), Baia (“Habeas Corpus”, Preta Gil & Ivete Sangaloiza (“Amiga Irmã”) e Iza (“Quem Sabe Sou Eu”). Ex-integrante do Dread Lion, Luis Carlinhos tem álbuns solos e sua canção “Oh, Chuva!” tornou-se sucesso ao ser gravada pelo Fala Mansa. E Matheus VK, além de seus álbuns solo, participou de projetos como o bloco de carnaval Bangalafumenga, composição de trilhas sonoras para filmes e peças de teatro e também atua como ator e apresentador.

SERVIÇO

4 CABEÇA - 20 ANOS

Solar Botafogo (Rua General Polidoro, 180)

12/12, às 21h30

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Júlia Guedes/Divulgação

Um cometa setentista

Novo álbum do mineiro Marcelo Kamargo traz influências do Clube da Esquina, Tropicália, MPB dos anos 1970



“Cometa” é o título do sexto trabalho de Marcelo Kamargo, compositor, violonista e intérprete mineiro. Neste novo projeto, o artista se reconecta com suas referências do Clube da Esquina, Tropicália e da MPB dos anos 70. Marcelo investiu na sua criatividade, buscando o universo musical e poético como porto seguro, para pavi-

mentar um caminho para as novas canções, que foram incluídas, primeiramente, no álbum “Louvação” (2023) e, agora, no novo trabalho.

As canções deste novo álbum, lançado pelo selo Kuarup, trazem reflexões sobre a solidão, a esperança, o poder do amor como força para pavimentar os caminhos para a felicidade.

Kamargo surpreende pela versatilidade e domínio dos variados



gêneros e ritmos da MPB. Ele, que já trilhou pelas raízes da música mineira, desde o vale do Jequitinhonha

até o Clube da Esquina, nos discos “Clarão da Noite” (2001) e “Zerundá” (2004), e lançou um disco eclético “Além do Sol” (2008), flertando com o pop e o jazz latino, voou livre, também, no inusitado disco “Samba é Amor” (2021), elogiado pela crítica, em virtude do resgate do verdadeiro samba raiz em suas variadas vertentes.

E, agora, como complemento de sua imersão na seara da nova

MPB apresenta um álbum repleto de referências de suas influências advindas do rock e pop nacional setentistas forjado por Raul Seixas, O Terço, Mutantes, Rita Lee, Sá & Guarabira, Azimuth e Roupas Nova entre outros.

Ricardo Gomes, amigo e parceiro de Marcelo Kamargo, comandou os arranjos, produção musical e assina, ainda, os baixos, violões, guitarras, pianos e coros do álbum. O disco músicos Léo Pires e Ivan Bahia (baterias e percussão), Christiano Caldas e Lucas de Moro (teclados) e Fillipe Glauss (guitarra). As cantoras Ana Espí e Luísa Espí dividem com Kamargo as participações especiais nas interpretações.

“Cometa” é, metaforicamente, dois lados de uma mesma moeda. Se por um lado apresenta canções onde o DNA do Clube da Esquina pode ser percebido subliminarmente nas harmonias e melodias tais como “Chuva Arada”, primeira parceria de Marcelo Kamargo com o poeta mineiro Kaique Fortes, de outro lado, mergulha com vigor nas referências da sonoridade progressiva das bandas do rock nacional nos anos setenta, na faixa-título e em “Talvez”, “Meu Lugar”, “Criações da Noite”, “Noite Vadia”, “Sapato Velho” e “Meus Guardiões”.

CRÍTICA / DISCO / UKELELE HARMONIES LIVE IN NITEROI

Por Aquiles Rique Reis*

Almas musicais

Hoje trataremos de um álbum que me chamou a atenção: Ukulele Harmonies Live in Niteroi (independente), gravado por João Tostes e Vinícius Vivas. Primeiro, fiz contato com o Tostes e perguntei: “O que o levou a fazer do ukulele um instrumento pra chamar de seu? A afinação? A beleza do som?”.

Ele respondeu. “O som da afinação reentrante do ukulele é encantador e, juntamente com os resultados positivos que obtive tanto nas questões educacionais quanto nas artísticas, o ukulele passou a ser meu instrumento principal (...)”.

O CD tem Tostes (ukulele tenor) e Vinícius Vivas (ukulele tenor, ukulele barítono e ubass), mais o convidado Leandro Donato

(ukulele tenor e ubass). Produção musical, executiva e direção musical couberam a João Tostes, já os arranjos são todos dele e de Vivas.

E assim o show começa. O lindo Teatro Municipal de Niterói ferve, entusiasmado com os instrumentos que ouve. A sonoridade dos ukuleles vibra numa catarse meio mântica que a todos incita pelo imprevisível. Ouça em <https://acesse.dev/7SpSY>.

Timbres e texturas saltam no ar – a gravação capta a atmosfera do palco. Uma integração absoluta é sentida a cada arpejo. A cada acorde, é como se o mundo se enchesse de opções harmônicas. E as salas (do Teatro e a minha) vi-



Divulgação

bram na frequência das cordas que fluem pelas mãos dos uquelelistas. O repertório plural tem títulos originais, clássicos brasileiros, internacionais e temas marcantes do ukulele. Eis alguns.

“Maria Madalena” (João Tostes): o tema é delicado, a sonoridade é única, a empatia é imediata.

Improvisos realçam a magia dos instrumentos nas mãos de Tostes e Vivas, eles que protagonizam esta e as próximas quatro músicas.

“Piano Forte” (Jake Shimabukuro): os instrumentos dialogam. Francamente solidários, demonstram afinidade musical, virtuosa e sincera. O dedilhado das cordas enseja a vibração harmônica do tema.

“Xote Sem Rumor” (Felipe Moreira e João Tostes): os instrumentistas estimulam a plateia a cantar o refrão. Ukulele e coro clarificam o congaçamento que, àquela altura, voa no ar.

“Tema Pro Bem” (Diogo Fernandes e João Tostes): o suingue molda o tema. Como experientes

timoneiros, Tostes e Vivas levam a nau por mares seguros.

“Marakatuque” (Diogo Fernandes e João Tostes): o som rola ainda mais convincente. A sonoridade é única, a tessitura, esplêndida, bem como contagiante é a melodia. Os meninos sabem como fazer de seus instrumentos um porto seguro para quem os ouve tocar, o que fazem como poucos, pioneiros que são.

“She’s Leaving Home” (Lennon e McCartney): a empatia com a plateia segue franca. Vinícius Vivas sola no seu ukulele.

Embalados pelo virtuosismo, a dupla carrega nas mãos a magia que povoa suas almas musicais. Com elas conquistam o público e se impõem diante do mercado musical atual.

*Vocalista do MPB4 e escritor

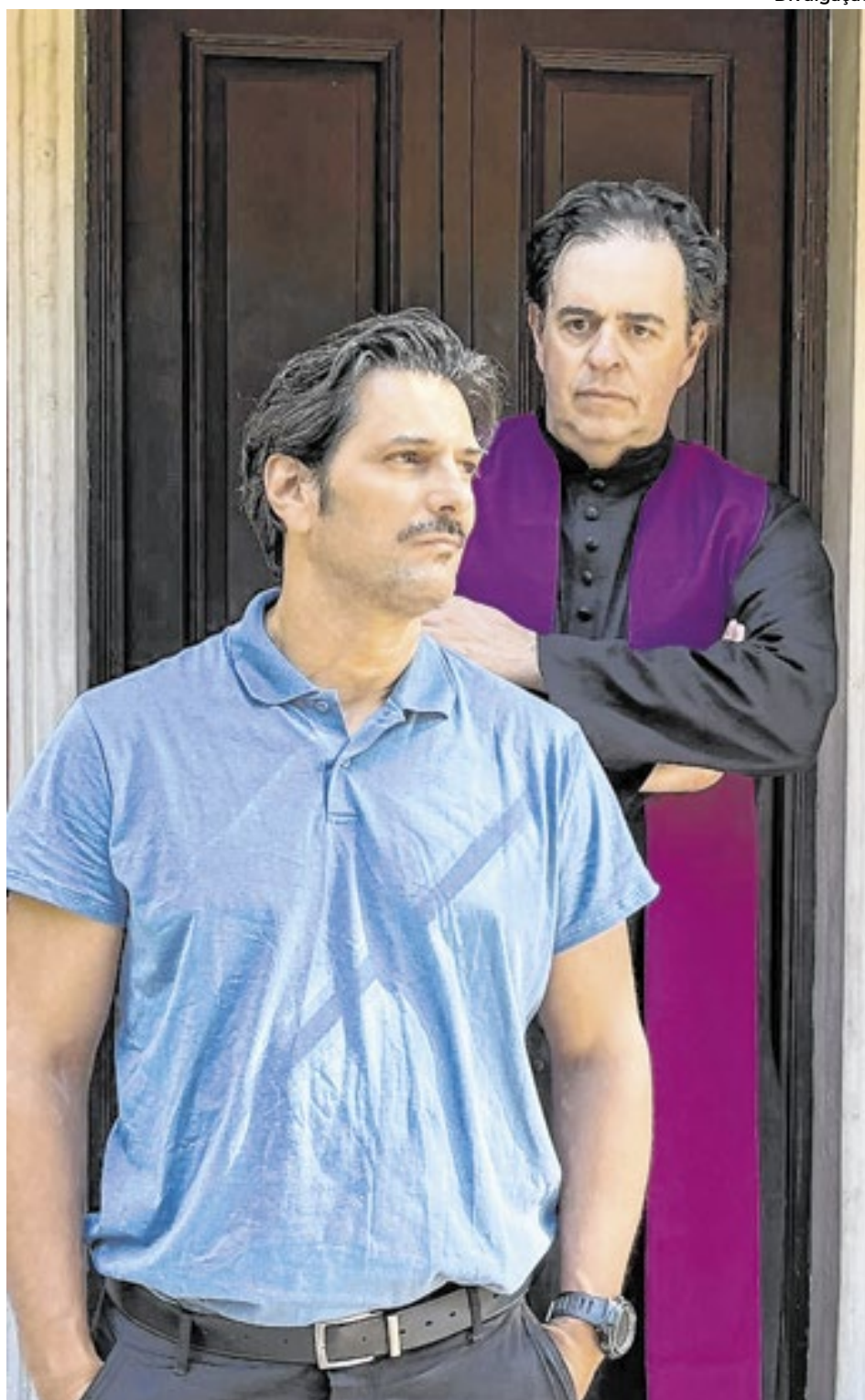
A cordialidade brasileira em xeque

Texto de Roberto Athayde que discute questões éticas e humanitárias ganha nova montagem dirigida por Marcia Beatriz Bello

É véspera de Natal. Enquanto muitas famílias confraternizam, um episódio particular levará ao encontro de dois personagens antagônicos. Ele, um deputado que coleciona malfeitos. O outro, um padre transferido após envolver-se com questões agrárias. O encontro entre eles suscita um debate que trará à tona temas como ética, empatia e princípios morais e religiosos. Tais reflexões permeiam O homem cordial, texto de Roberto Athayde, grande nome do nosso teatro, que ganha nova encenação pelas mãos da diretora Marcia Beatriz Bello.

A montagem é estrelada por Charles Asevedo e Gil Hernández, o Rafa da novela “Volta por cima”, da TV Globo). A estreia é nesta quinta-feira (12), no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), com apenas oito apresentações, encerrando-se a poucos dias do Natal. Após as sessões haverá debates com autoridades ligadas aos temas tratados na peça. O convidado da noite de estreia é o deputado federal Pastor Henrique Vieira (PSOL-RJ).

O texto foi escrito por Roberto em 1990 e motivado pela máxima de que o brasileiro é cordial, defendida pelo historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) no livro “Raízes do Brasil” (1936). Encenada



Charles Asevedo e Gil Hernández estão na nova montagem de ‘O Homem Cordial’, consagrado texto de Roberto Athayde

em 1997, com direção do próprio autor, a peça quebra um hiato de 27 anos longe dos palcos cariocas e chega num momento de polarizações políticas e ideológicas e quando as redes sociais tornaram-se “tribunais” de promoções e cancelamentos.

“O brasileiro é um homem cordial? Desta vez não serão os sociólogos que responderão, mas o público carioca, talvez o maior especialista em cordialidade”, celebra o dramaturgo, ele próprio carioca que tem seus 75 anos celebrados pela montagem.

O espetáculo marca também o reencontro de Marcia Beatriz Bello com o texto. Ela o dirigiu em 2003, na Argentina, confirmando a vocação de as obras de Roberto de ganharem o mundo. As apresentações aconteceram na capital argentina, Buenos Aires, e em Córdoba, segunda cidade mais populosa daquele país.

A ideia de remontar o texto acompanha a diretora há muito. E começou a ganhar força em 2019. No fim daquele mesmo ano, às vésperas do Natal, chegou a ser apresentada como um happening no apartamento de Roberto no Rio, tendo Gil e Charles no elenco. A pandemia adiou os planos, sem esmorecê-los, numa prova de que o brasileiro é obstinado. Ainda bem.

Roberto Athayde é um dos mais importantes dramaturgos brasileiros da atualidade. Dentre suas muitas colaborações para o teatro está o clássico “Apareceu a Margarida” (1973), de sua autoria. No Brasil, foi estrelado por Marília Pêra (1943-2015) sob a direção de Aderbal Freire Filho (1941-2023). A atriz voltaria a revisitar a peça nos anos de 1978 e de 1994. O texto teve também montagens na França, Argentina e nos EUA, entre outros países.

O dramaturgo também assinou a tradução da primeira montagem brasileira de “O mistério de Irma Vap”, de Charles Ludlam, grande sucesso nas carreiras de Marco Nanini e de Ney Latorraca e levada aos palcos, em 1986, sob a direção de Marília Pêra. A encenação chegou a figurar no Livro dos Recordes como a mais longa temporada teatral no país.

Às apresentações seguirão conversas com autoridades relacionadas aos temas tratados no espetáculo. O deputado Pastor Henrique Vieira, a desembargadora e escritora Andréa Pachá e o sociólogo e professor Fernando Salis são alguns dos nomes já confirmados.

SERVIÇO

O HOMEM CORDIAL

Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241)

De 12 a 22/12, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Chame pelo nome: **'Queer'**

O diretor Luca Guadagnino extrai de Daniel Craig uma atuação devastadora, livrando-o do arquétipo de 007, numa incursão pela literatura de William Burroughs, pilar da prosa beatnik

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cercado de polémica desde sua primeira projeção pública, em setembro, no Festival de Veneza, quando abriu uma prerrogativa sobre a sexualidade do agente secreto James Bond, "Queer" é um dos mais ousados (e narrativamente arrojados) concorrentes ao Globo de Ouro de 2025, já confirmado pelo circuito brasileiro a partir desta quinta.

Sua ousadia não se detém ao fato de escalar um ícone de virilidade, o inglês Daniel Craig, o mais recente 007 do cinema, no papel de um homossexual solitário no México dos anos 1950 – e sua atuação é devastadora. O filme ousa é na habilidade de flagrar um moralismo histórico, e não só norte-americano, acerca do desejo e de seu habitual parceiro, o amor.

Luca Guadagnino, realizador siciliano responsável pelo sucesso "Me Chame Pelo Seu Nome"



Divulgação

Daniel Craig concorre ao Globo de Ouro de melhor ator como o expatriado William Lee em 'Queer'

(uma produção do brasileiro Rodrigo Teixeira, de 2017), volta a se debruçar sobre interditos do querer numa produção de 48 milhões de euros, inspirada em livro homônimo do beatnik William S. Burroughs (1914-1997).

Assegurado já pela plataforma digital MUBI, esse drama erótico (e, sim, romântico) entra em circuito neste fim de semana, quando seu diretor comemorou a indicação de outro longa seu, o êxito de bilheteria "Rivais" (hoje na Prime Video), ao Globo dourado de melhor filme.

"A literatura chamada de beat brincou com as palavras e criou um novo cânone, provocativo, o que me impôs o desafio de tentar capturar aquele espírito e me im-

buir dele", diz Guadagnino, em resposta do Correio da Manhã em coletiva via Zoom, promovida online pela Golden Globe Foundation pouco antes de Craig ser indicado ao troféu de Melhor Ator da premiação.

Os dois hoje estão na mira da indústria nerd, sob a hipótese de trabalharem juntos na versão para as telas das HQs do Sargento Rock, maior herói da II Guerra nos quadrinhos. Há ainda uma nova adaptação do best-seller "Psicopata Americano", de Beat Easton Ellis (filmado antes em 2000, com Christian Bale), nos planos do realizador de "Um Sonho de Amor" (2009), que leu "Queer" ainda moleque.

"Partimos de um esboço de

roteiro que escrevi quando tinha 20 anos", diz o cineasta, que traz uma canção de Caetano Veloso ("Vaster Than Empires") na trilha sonora idealizada por Trent Reznor e Atticus Ross, seus parceiros também em "Rivais", que puseram ainda a banda Nirvana para embalar uma Cidade do México suarenta. "Kurt Cobain e Burroughs ficaram amigos num dado momento. São dois artistas que ficaram congelados no âmbito da cena artística".

No roteiro escrito pelo dramaturgo Justin Kuritzkes, fotografado pelo tailandês Sayombhu Mukdeeprom nos estúdios Cinecittà, em Roma, o imigrante William Lee (Craig) passa as noites a se emburacar no álcool,

em flertes com rapazes atrás de sexo. Vive só, cercado por outros americanos expatriados como ele, igualmente carentes. Ao conhecer o jovem Eugene Allerton, um ex-soldado (vivido por Drew Starkey), Lee acredita ser capaz de estabelecer uma ligação íntima com alguém. Acaba levando o sujeito para uma jornada pelo Equador, regada a plantas alucinógenas, em sequências que trazem o diretor argentino Lisando Alonso no elenco, ao lado da estrela britânica Lesley Manville.

"Luca faz filmes que ninguém mais faz, por isso queria trabalhar com ele faz tempo", disse Craig, antes de explicar ao Correio sobre a natureza taciturna de Lee. "O silêncio é o instante de maior fé no ator, pois é o momento em que se pode melhor sentir o espaço. Tento entrar nesse registro sem pensar muito, para não estragar a situação. Eu não li Burroughs durante a minha formação como leitor, fora (o romance) 'Junkie', mas a gente se torna fã depois de lê-lo".

Pilar da prosa beatnik (conceituada por seu interesse por vidas marginais, avessas ao padrão de bom-mocismo da sociedade americana), Jack Kerouac (1922-1969), autor de "Pé na Estrada", chamou Burroughs de "o maior escritor satírico desde Jonathan Swift". O romancista Norman Mailer (1923-2007), famoso por "Os Nus e os Mortos", dizia que o colega beat era "o único escritor americano que pode ser concebilmente possuído pelo gênio". A acusação de ter assassinado sua mulher, Joan Vollmer, com um tiro supostamente acidental, disparado quando estava doidão de cachaça, em 1951, ampliou sua fama de maldito. A despeito dela, Burroughs foi um autor essencial para a representação da homoafetividade no pós-Guerra, e ampliou seu prestígio com a experiência de linguagem "Almoço Nu", de 1959.

"A imaginação sempre esteve em primeiro plano em sua escrita", diz Guadagnino. "A prosa dele é ao mesmo tempo um soco e uma carícia. Foi o que buscamos neste filme".

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e visto por cerca de 186 mil pagantes em sua pátria natal, “Marcello Mio” chega ao Brasil nesta quinta-feira como foco no italiano mais sedutor (e mais talentoso) que as telas do cinema já conheceram, Marcello Mastroianni (1924-1996), mas é um filme que transpira França em cada um de seus 24 quadros por segundos.

Arrebatador estudo sobre projeção (e sublimação) dirigido por Christophe Honoré, o longa-metragem faz parte do cardápio variado que o audiovisual francês levou às salas de projeção ao longo dos últimos onze meses, empapando-se de alegrias.

Há três dias, o novo filme do parisiense Jacques Audiard, o musical “Emilia Pérez”, tornou-se o título com mais indicações da corrida pelo Globo de Ouro de 2025, ampliando o prestígio de uma saga cantada contra a transfobia que levou 1 milhão de pagantes às salas de projeção de sua pátria. De quebra, a produção saiu do Festival de Cannes com o Prêmio do Júri e uma láurea coletiva de Melhor Atriz, dividida entre Adriana Paz, Zoe Saldña, Selena Gomez e Karla Sofia Gascón, hoje cotada para o Oscar.

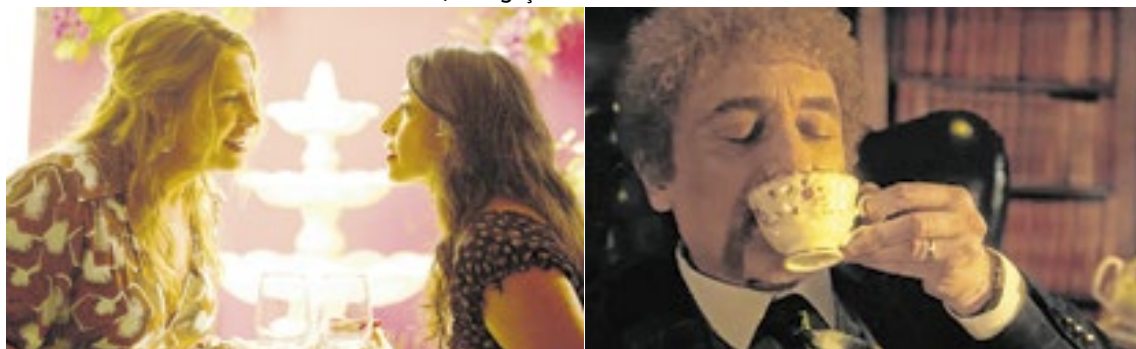
Outras duas conquistas fazem de 2024 um ano inesquecível para as redes exibidoras francesas: duas produções geradas pela nação que fundou o cinema (graças aos irmãos Lumière, em 1895) se tornaram fenômenos de arrecadação de dar inveja a Hollywood. De um lado, a comédia “Un P’tit Truc En Plus” somou 10,8 milhões de espectadores; do outro, o épico, “O Conde de Monte-Cristo”, recém-chegado ao Brasil, foi prestigiado por 9,2 milhões de espectadoras/es. Estima-se que as cifras se mantenham altas em 2025. É o trabalho que a Unifrance terá no alvo-receber do ano que vem.

Esse é o órgão do governo francês cuja missão é assegurar a circulação mundial dos filmes feitos em solo parisiense, em Marselha, em

Dos Lumière a Honoré, ninguém segura a França

Festejando as dez indicações de ‘Emilia Pérez’ ao Globo de Ouro, a indústria francesa celebra ano recorde de bilheteria, exporta cults como ‘Marcello Mio’ e prepara ofensiva para 2025

Fotos/Divulgação



‘Emilia Pérez’ vai para o Globo de Ouro com 10(!) indicações

Chiara Mastroianni mimetiza o pai, um ícone italiano, em ‘Marcello Mio’, de Christophe Honoré



Jean-Paul Rouve, o Didi Mocó do Velho Mundo estrela o novo tomo da franquia Les Tuche

Nice, em Nantes e arredores, realizando um evento anual, chamado Rendez-vous Avec Le Cinéma Français para atrair distribuidores e a mídia. Trata-se de um fórum organizado no Hotel Sofitel Arc de Triomphe, em Paris, sempre em janeiro. Desta vez, vai ser de 14/1 a 21/1. Sua programação de exposições e entrevistas mobiliza estrelas e cineastas.

Por lá devem passar talentos como a diretora Audrey Diwan - que abriu o Festival de San Sebastián, em setembro, com o remake de “Emmanuelle” - e a diva Isabelle Huppert, que presidiu o júri do Festival de Veneza, em agosto. Das novidades que devem espocar por

lá, destacam-se a sci-fi “Chien 51”, de Cédric Jimenez; a biopic em duas partes “De Gaulle”, de Antonin Baudry; a fantasia “Kaamelott: The Second Chapter”, que dá continuação ao recordista homônimo de público de 2020, sobre a Távola Redonda; a chanchada “Les Tuche: God Save the Tuche”, com o Didi Mocó do Velho Mundo, Jean-Paul Rouve; e o thriller “13 Jours 13 Nuits”, de Martin Bourboulon.

Não é raro a França gerar produções que ultrapassam a marca do blockbuster, a julgar dois exemplos que ocupam seu pódio de receitas comerciais milionárias: “A Riviera Não É Aqui” vendeu

20 milhões de tíquetes em 2008, e “Intocáveis”, que consagrou Omar Sy, soma 19,4 milhões de bilhetes vendidos, entre 2011 e 2012. Com a chegada da covid-19, houve uma retração severa de faturamento naquele mercado. É fato que a frequência popular às telonas retraiu por todo canto, mas diante do histórico de êxito dos franceses, o susto lá foi grande. O maior sucesso que aquele mercado emplacou em 2022 foi “Qu’Est-ce Qu’On a Tous Fait Au Bon Dieu?”, que vendeu 2.429.450 tíquetes. É a terceira parte da franquia de humor “Que Mal Eu Fiz A Deus”, iniciada em 2014. É um número expressivo para vida pós pandêmica, mas

comparado aos recordes dos outros dois longas dessa cinessérie - o primeiro foi visto por 12,3 mil pagantes e o segundo, de 2019, por 6,6 mil pessoas -, o resultado foi desastroso. Em 2023, as cifras foram bem mais altas, a começar pelo fato de “Astérix & Obélix: O Reino do Meio” (lançado aqui via Netflix) ter vendido 4,5 milhões de tíquetes em dois meses.

Atualmente, quem tem se chegado com jeitinho no coração das plateias da França (para ficar) é “A Fanfarra” (“En Fanfarre”), de Emmanuel Courcol, exibido aqui no Festival Varilux, no mês passado. Vencedor do prêmio de júri popular do Festival de San Sebastián, este misto de comédia e drama acompanha a luta pela vida do maestro Thibaut (Benjamin Lavernhe), que, em meio à luta contra uma doença terminal, descobre ter um irmão (Pierre Lottin), também apaixonado por música.

No Brasil, além da boa acolhida ao drama histórico “A Favorita do Rei”, de Maïwenn, já em cartaz, a França pode lotar salas com “Marcello Mio”, apoiada no desempenho tocante de Chiara Mastroianni. Laureada na Croisette, em 2019, com o prêmio de Melhor Interpretação por “Quarto 212”, de seu habitual parceiro Christophe Honoré, a atriz presta um lúdico tributo ao pai num filme no qual desconstrói sua identidade, trazendo antigos amores de seu passado (Benjamin Biolay e Melvil Poupaud) para a trama. No enredo, Chiara, aos 52 anos, enfrenta uma crise pessoal e profissional ferrenha, cansada de ouvir por todos os cantos da França que é um clone de Marcello. Uma vez que a semelhança é tão feroz, ela decide viver como o mítico campeão de bilheteria italiano. Passa a se vestir como ele, passa a falar como ele. A incorporação de Chiara consegue ser tão convincente que as pessoas começam a acreditar e passam a chama-la de “Marcello”. Em algum momento, contudo, essa metamorfose há de pesar sobre os ombros dela e de sua mãe, Catherine Deneuve.

Com enredos criativos assim, a França sempre se renova.

Bab_ado

FORTÊ

Com curadoria de Armando Mattos, a mostra coletiva reúne obras inéditas da 16ª Bienal Anual de Búzios (bab) e destaques do acervo do principal evento de arte contemporânea do balneário fluminense



A Queerrioca, centro cultural dedicado à resistência e à celebração da arte e da cultura LGBTQIAPN+ na cidade, inaugura neste sábado (14) a exposição coletiva “bab_ado”, reunindo os trabalhos dos participantes da última residência artística da Bienal Anual de Búzios (bab). Com curadoria do artista visual Armando Mattos, a mostra em cartaz até junho de 2025 apresenta obras inéditas e peças do acervo da bab, conectando os 15 anos de trajetória do projeto ao público carioca.

“Pela primeira vez em 15 anos, a bab bienal apresenta a experiência de seus participantes numa mostra fora de seu espaço de atividades. Esse convite da Queerrioca é um desafio, pois abre espaço para uma nova experiência do projeto, antes circunscrita à prática e discussão de situações artísticas experimentais, para apresentar o resultado dessa pesquisa a um público mais amplo”, explica Armando Mattos, também coordenador do Núcleo Educativo e Pesquisa do Instituto Gilberto Chateaubriand.

Com 25 obras, a mostra reúne produções inéditas da 16ª edição da bab, além de destaques de edições anteriores. São trabalhos de artistas consagrados que exploram temas como deslocamento, meio ambiente e convivência. “O projeto bab sempre buscou ir além

da criação de objetos. É sobre experimentação e convivência sensível entre artistas, público e a natureza, permitindo que esses encontros afetem suas produções”, comenta Mattos.

Trazendo ao Rio uma seleção de processos criativos e produções vivenciadas na sede da bienal, “bab_ado” expande a ideia de hospitalidade, oferecendo ao público da Queerrioca um olhar único sobre as relações entre arte, afeto e espaço. “Esses elementos orientaram todas as edições do projeto desde sua estreia, em 2008, com a participação de Anna Bella Geiger, Artur Barrio e Ivald Granato (in memoriam)”, ressalta o curador.

Desde o fim da pandemia, a bab bienal conta com sede própria em Búzios (RJ), que opera como residência artística, promovendo



A mostra apresenta obras inéditas e peças do acervo da bab, conectando os 15 anos de trajetória do projeto ao público carioca



talação/print), Rafaela Rocha (foto/vídeo), Paula Scamparini (fotografia), Camila Rocha (desenho de observação), Karola Braga (instalação olfativa), Bernardo Backer (fotografia), Raphael Medeiros (objeto),

Edu Barros (pintura), Armando Mattos (escultura), Felipe Moraes (objeto),

Daniel Toledo (fotografia) e Andy Villela (desenho).

Além disso, o acervo do projeto traz para o espaço LGBTQIAPN+ carioca algumas das obras de nomes como Anna Bella Geiger, Panmela Castro, Laura Lima, Opavivará!, Marcos Bonisson, Luciano Bogado e Brigida Baltar (in memoriam), entre outros.

A programação desta nova residência de artes visuais na Queerrioca inclui debates e rodas de conversa com artistas, curadores e críticos que participaram da bab bienal, abordando temas como deslocamento, memória e os desafios da arte contemporânea para expor questões do meio ambiente natural e urbano.

SERVIÇO

BAB_ADO

Queerrioca (Travessa do Comércio, 16 - Arco do Teles)

De 14/12 a junho/2025, de terça a sexta (14h às 22h), sábados (10h às 0h) e domingos (18h às 22h)

Entrada franca

Divulgação